



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

JULIANA ROCCHA ZUCOLI

SUPER EXTRA PODEROSOS
LIVRO DE HISTÓRIA DE PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN

BRASÍLIA, BRASIL

2018

JULIANA ROCCHA ZUCOLI

SUPER EXTRA PODEROSOS
LIVRO DE HISTÓRIA DE PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN

Memorial apresentado ao curso de Comunicação Social da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção de grau Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Comunicação Organizacional, sob orientação da Prof. Ellis Regina Araújo da Silva.

BRASÍLIA, BRASIL
2018
JULIANA ROCCHA ZUCOLI

Produto experimental. Memorial descritivo apresentado como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Comunicação Organizacional, submetida à aprovação de Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Ellis Regina Araújo da Silva – Orientadora

Faculdade de Comunicação – FAC/UnB

Prof. Dr. Felipe da Silva Polydoro – Examinador

Faculdade de Comunicação – FAC/UnB

Prof. Mônica Shingu Kanegae – Examinadora

Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE - DF

Prof. Dra. Ellen Cristina Geraldês – Suplente

Faculdade de Comunicação – FAC/UnB

AGRADECIMENTOS

Meu maior agradecimento vai para o meu irmão mais novo, Rafael Zucoli. Você me ajudou a ver as coisas de uma perspectiva diferente e necessária. Depois que você nasceu, passei a pensar em adaptações e diferentes maneiras de construir o dia-a-dia, para que todos pudessem desfrutar das maravilhas que o mundo tem a oferecer.

O meu obrigada à comunidade de pessoas com Síndrome de Down, por lutarem para mostrar a todos quem vocês realmente são. Gratidão Karen, Vitor, Tônico, Maria Clara, Augusto, Liane, Wagner, Ramon, Jéssica e Clécia, por dedicarem o tempo de vocês para compartilhar um pouco de suas vidas. Meus agradecimentos aos familiares e amigos dessas dez pessoas especiais, que apoiaram o projeto e permitiram as trocas de histórias.

Em especial, minha gratidão aos meus pais, Crizalda e Paulo, por me apoiarem em minhas decisões. Mesmo de longe, vocês moram no meu coração. Agradeço ao meu irmão Luis, que dedicou seu tempo e criatividade às ilustrações que deram vida ao livro.

Obrigada Valentina, Adriano, João Paulo e Ellis, por me ajudarem de todas as maneiras. Seja me resgatando das crises existenciais, seja escutando, lendo e relendo todas as minhas ideias. Por fim, a todos aqueles que me apoiaram, minha gratidão.

RESUMO

O presente documento é um memorial descritivo da produção do livro *Super Extra Poderosos*, como trabalho de Conclusão de Curso da Faculdade de Comunicação do Curso de Comunicação Organizacional da Universidade de Brasília. A obra possui a intenção de convidar os leitores ao debate sobre inclusão social de pessoas com Síndrome de Down enquanto cidadãos e possuidoras do direito à participação e representatividade. Para isso, apresenta onze crônicas sobre a vida de pessoas com a trissomia do cromossomo 21. O trabalho literário, inspirado nos livros *Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes 1 e 2*, de Francesca Cavallo e Elena Favilli, teve como base entrevistas realizadas com os protagonistas, registros fotográficos, e levantamento bibliográfico a respeito da vivência da Síndrome, da Legislação acerca do assunto e sobre a abordagem da Comunicação Pública para a reflexão sobre os conceitos de inclusão e cidadania.

Palavras-chave: Síndrome de Down; Comunicação Pública; Inclusão; Cidadania.

ABSTRACT

The present document is composed by a descriptive memorial concerning the book “Super Extra Poderosos” as a term paper of the course Organizational Communication, of the Communication Department from University of Brasilia. The book was designed with the intention of inviting readers to discuss the social inclusion of people with Down Syndrome as citizens and the guarantee of the right of representation. It presents eleven chronicles about the lives of people with the chromosome 21 trisomy. The work, inspired by Francesca Cavallo and Elena Favilli's books “Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes” 1 and 2, was based on interviews with the protagonists, photographic records, and bibliographical survey about the experience of living with the Syndrome, the Legislation concerning the matter and Public Communication to enable reflections about inclusion and citizenship.

Keywords: Down Syndrome; Public Communication; Inclusion; Citizenship.

-

- **INTRODUÇÃO**

O presente documento é resultado do processo de criação do livro Super Extra Poderosos, trabalho de conclusão de curso (TCC) da Faculdade de Comunicação do curso de Comunicação Organizacional. Este memorial descritivo traz os registros e embasamentos teóricos utilizados na idealização do projeto. Assim, são discutidos conceitos como inclusão, direito à cidadania e a importância da Comunicação Pública para a visibilidade de pessoas com Síndrome de Down (SD).

Antes de mais nada, é necessário entender que a Síndrome de Down é uma condição genética causada pela trissomia do cromossomo 21, que gera uma série de características físicas e intelectuais nas pessoas que a apresentam. De acordo com o Blog da Saúde do Ministério da Saúde, o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, apontou que, no Brasil, cerca de 45 milhões de pessoas possuem algum tipo de deficiência, e estima-se que, entre elas, 300 mil possuem Síndrome de Down (MAGALHÃES, 2015).

Ainda, segundo Alexandre Marques e Markus Nahas (2003), antigamente, por volta de 1920, a expectativa de vida de pessoas com a Síndrome era pequena, e girava em torno de 9 anos. Com o passar do tempo e com a evolução da medicina, a estimativa foi aumentando e é cada vez mais fácil para pessoas com a trissomia alcançar cerca de 60 anos de idade (MARQUES; NAHAS, 2003).

Mesmo com evoluções no campo da medicina, da educação e do mercado de trabalho, muitas vezes a representatividade das pessoas com a trissomia é falha nos meios de comunicação, principalmente quando falamos de seu protagonismo e da discussão sobre a condição genética em si. Com isso, pode-se identificar a necessidade de um material que contemple personagens reais e que possuam a Síndrome de Down, de forma que determinados preconceitos sejam quebrados e que todas as camadas da sociedade possam ser incluídas na discussão sobre o assunto.

Ainda, é importante que as próprias pessoas com a Síndrome se sintam realmente presentes no material e que o mesmo possa servir de inspiração para outras pessoas e familiares.

A organização do memorial se dá a partir da explicação do problema de pesquisa, composto por uma pergunta a ser abordada no decorrer do projeto. Em seguida, serão apresentadas a justificativa para a sua realização, a sua importância e a maneira que o livro pode funcionar como um facilitador do exercício da Comunicação Pública. Sendo assim, procura-se contribuir com o empoderamento e a inclusão de pessoas com Síndrome de Down em todas as formas de exercício da cidadania.

Definido o problema a ser trabalhado e sua importância, estabeleceu-se um objetivo geral que serviu como uma espécie de guia para a realização o produto, seguido dos objetivos específicos que determinaram três etapas necessárias para contemplar a finalidade do livro.

Dessa maneira, para fundamentar o projeto em um âmbito teórico, foram considerados conceitos a respeito de empoderamento e inclusão, além da história sobre a Síndrome, leis, fundamentos, e ideias da Constituição Federal Brasileira acerca do tema e de organizações internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU) e Organizações Não Governamentais, como o Movimento Down. Ainda, foram abordados termos relacionados à Comunicação Pública como uma forma de inclusão de pessoas com deficiência e o uso livro como facilitador para tal.

É necessário reconhecer que as pessoas que possuem Síndrome de Down sofrem preconceitos e marginalização para, então, buscar modos de representação dos mesmos dentro da sociedade. Esse reconhecimento inicial abre espaço para um pensamento sobre como essas pessoas com SD são retratadas, considerando que sentir-se representado é importante para o pertencimento social como um todo.

A obra propõe uma releitura dos livros Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes 1 e 2 (publicados nos anos de 2017 e 2018 respectivamente), escritos pelas escritoras Elena Favilli e Francesca Cavallo. Os dois volumes narram histórias de 100 mulheres do passado e do presente que se destacaram de alguma forma. São contempladas mulheres como a artista plástica Frida Kahlo, a Rainha Elizabeth I, a jogadora de futebol Marta Silva e muitas outras.

A releitura foi feita com onze personalidades com Síndrome de Down, de diferentes idades, que estão inseridas nos meios artísticos, mercado de trabalho ou

exercendo sua cidadania de alguma forma. O livro conta a história dessas pessoas, sendo apontados os desafios, superações e conquistas de cada um, de acordo com a própria realidade.

Trata-se de crônicas escritas de acordo com situações contadas por eles mesmos e/ou pessoas próximas, sendo especialmente destinados ao público com Síndrome de Down, mas também utilizados como forma de instigar a discussão e o interesse de leitores que não possuem a Síndrome. O objetivo é contribuir com o que vem sendo alcançado no conhecimento e na socialização de pessoas com Síndrome de Down, dentro da nova perspectiva sobre o assunto, desmistificando preconceitos e limitações irrealistas fundamentados no desconhecimento.

O título escolhido para o livro, Super Extra Poderosos, busca referência na expressão “cromossomo extra”, que é utilizada para explicar a causa da condição genética que dá origem a Síndrome de Down. Dessa forma, pode-se pensar que o cromossomo a mais é “super extra poderoso” por fazer parte das características dessas pessoas.

2. PROBLEMA DE PESQUISA

Para a construção do produto, foi considerada a notória necessidade de intensificar e ampliar a presença de pessoas com Síndrome de Down, em todos os veículos de comunicação, como uma forma de tornar possível seu exercício civil e social. Ainda, foi levada em consideração a necessidade de garantir que o retrato fosse fiel à realidade dessas pessoas, não como seres frágeis, mas como protagonistas de suas vidas e capazes de fazer tudo.

Para isso, determinou-se a seguinte pergunta de pesquisa: “Como produzir um livro, como instrumento de Comunicação Pública, para construir um retrato real das pessoas com Síndrome de Down, de forma que se estas sintam-se representadas?”. Dessa maneira, a Comunicação Pública vem como grande aliada do projeto, atuando como problematizadora de conceitos como comunicação para cidadania, inclusão social e empoderamento.

A construção do produto teve como referência os livros Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes 1 e 2, escritos por Elena Favilli e Francesca Cavallo, contendo um compilado de histórias de onze pessoas portadoras da Síndrome. Tal releitura possui a intensão de encorajar jovens a seguirem seus sonhos, além de alertar sobre a importância de se discutir a inclusão de pessoas com deficiência intelectual.

3. JUSTIFICATIVA

O conceito de inclusão social é um elemento de extrema importância ao realizar peças de comunicação para cidadania ou qualquer construção social. Dentro disso, há de se considerar a diversidade - “termo [...] definido pelas diferenças de um grupo em relação a outro, o seu principal pressuposto é de que a diversidade é identificada por meio de atributos ou categorias que fazem essa diferenciação” (HANASHIRO; PEREIRA, 2007, p. 2) -, a maneira com que as pessoas vem sendo representadas e se as mesmas se identificam com o que está sendo mostrado.

É necessário identificar se as pessoas com deficiência estão sendo contempladas e de que maneira isso está sendo feito. As representações de pessoas com SD limitam-se, muitas vezes, às aparições que ocorrem apenas no Dia Internacional da Síndrome de Down (21 de março) ou durante eventos relacionados à deficiência, quando empresas e organizações se aproveitam da Agenda Setting para se posicionar a respeito do assunto. De forma geral, esse desenho vem sendo feito de maneira superficial, sem aprofundar as reais condições e possibilidades dessas pessoas, tornando difícil a identificação e protagonismo dos mesmos na sociedade.

Acompanhando essa lógica, segundo o jornal O Estado de S. Paulo, durante as paraolimpíadas de 2016, ocorreu aumento da representatividade de pessoas com deficiência, mas em 2017, quando o evento já havia sido finalizado, o percentual caiu de 1,78% para 0,12% dos comerciais (ABDO, 2018).

Sendo assim, a criação de um compilado de crônicas que contam histórias de protagonistas com Síndrome de Down facilita o acesso a vivências reais de pessoas com a trissomia, convidando os leitores a discutir sobre o assunto. Além disso, permite-se que outras pessoas com a Síndrome se vejam representadas e se sintam verdadeiramente identificadas com o que está sendo retratado.

Há de se mencionar que livros são materiais importantes no processo de alfabetização de todos, e não é diferente quando se trata de pessoas com deficiência intelectual. O formato escolhido para a realização e consolidação do projeto pode ser visto como um meio facilitador para a Comunicação Pública, para o empoderamento e para a inclusão de pessoas com Síndrome de Down na sociedade. Visto que o material pode ser distribuído em escolas ou utilizado na orientação de pessoas com Síndrome de Down - ou não - durante palestras, eventos e campanhas, o formato impresso passa

a dar um aspecto singular para a obra.

Dessa forma, a criação do Super Extra Poderosos como livro impresso permite, especialmente, que pessoas com a Síndrome em processo de formação escolar tenham acesso às histórias de personagens reais com a mesma condição genética, podendo servir como referências e inspirações para o futuro.

4. OBJETIVOS:

4.1 OBJETIVO GERAL

O trabalho tem por objetivo produzir um livro, como um facilitador de Comunicação Pública, destinado às pessoas com Síndrome de Down, instigando discussões sobre o assunto e garantindo que os mesmos sintam-se representados, inspirados e contemplados.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para atingir a ideia principal do trabalho será necessário:

4.2.1. Estudar conceitos que asseguram a inclusão de pessoas com Síndrome de Down na sociedade, nos meios de comunicação e no direito ao exercício civil;

4.2.2. Apresentar a Comunicação Pública como uma forma de garantir a inclusão de pessoas com Síndrome de Down nos ambientes sociais, assumindo seu papel de abordar assuntos de interesse público;

4.2.3. Mostrar a realidade de pessoas com a trissomia para que possa servir de inspiração a outros, ressaltando que é possível exercer a cidadania e usufruir dos direitos e deveres independente da Síndrome de Down.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

Para fundamentar a produção do livro *Super Extra Poderosos*, foram selecionadas discussões a respeito de conceitos – como empoderamento e inclusão – determinantes para a inclusão de pessoas com deficiência, por meio da Comunicação Pública e dados básicos sobre a Síndrome. Ainda, serão abordadas leis, diretrizes legais da Constituição Federal Brasileira de 1988 (CF) e posicionamentos de organizações internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU), e de Organizações Não Governamentais (ONGs).

O referencial teórico foi dividido em quatro pilares que exploram os assuntos de acordo com a sua relevância para o tema da inclusão de pessoas com deficiência e Comunicação Pública para cidadania. Em um primeiro momento, é realizado um levantamento histórico conceitual sobre a Síndrome de Down. O segundo pilar expõe a maneira que a legislação aborda a inclusão de pessoas com deficiência. Em seguida, é explorado o conceito de Comunicação Pública e sua relevância para a cidadania e, por último, discute-se o conceito de empoderamento em uma perspectiva coletiva e sua importância para alcançar a inclusão social.

5.1 A SÍNDROME DE DOWN

A Síndrome de Down é causada pela alteração genética que gera uma trissomia do cromossomo 21 nas células do corpo humano (REDAÇÃO MINUTO SAUDÁVEL, 2017). Segundo Camila Paiva, Camila Melo e Stéphanie Frank (2018, p. 2), a Síndrome ocorre independentemente de cor, raça ou idade. Como resultado, os portadores apresentam algumas características específicas como olhos amendoados, pescoço encurtado, hipotonia muscular e atraso no desenvolvimento intelectual, como aponta a ONG Movimento Down.

Os primeiros registros sobre a condição genética datam do ano de 1866, com os estudos do médico inglês John Langdon Down (MATA; PIGNATA, 2014; SILVA, 2002), que passou a estudar as características da Síndrome, referindo-se as pessoas com SD com o termo “mongolismo”:

A grande família Mongólica apresenta numerosos representantes e pretendo neste artigo chamar atenção para o grande número de idiotas

congênitos que são Mongóis típicos. O seu aspecto é tão marcante que é difícil acreditar que são filhos dos mesmos pais... O cabelo não é preto, como em um Mongol típico, mas de cor castanha, liso e escasso. A face é achatada e larga. Os olhos posicionados em linha oblíqua, com cantos internos afastados. A fenda pálpebra é muito curta. Os lábios são grossos, com fissuras transversais. A língua é grande e larga. O nariz, pequeno. A pele, ligeiramente amarelada e com elasticidade deficiente. É difícil acreditar que se trate de um europeu, mas pela frequência com que estas características são observadas, não há dúvida de que estes aspectos étnicos resultam de degeneração. O tipo de idiotia Mongólica ocorre em mais de 10% dos casos que tenho observado. São sempre idiotas congênitos e nunca resultam de acidentes após a vida uterina. Eles são, na maioria, exemplos de degeneração originada de tuberculose nos pais. (DOWN, 1866 apud MOREIRA, EL-HANI e GUSMÃO, 2000, p. 96)

Dessa maneira, durante muitos anos, acreditou-se que a Síndrome de Down se tratava de uma doença, e que essas pessoas não poderiam usufruir de uma vida normal, sendo negadas oportunidades de inserção na sociedade e exercício do direito civil (KOZMA, 2007). Entretanto, com o passar dos anos, médicos e pesquisadores dedicaram seus estudos a entender a trissomia e aumentar a qualidade de vida de seus pacientes.

É importante entender conceitos sobre a condição genética, perspectivas e assuntos observados por médicos, como o cancerologista e apresentador da série “Qual é a Diferença?”, Dr. Drauzio Varella. Na matéria “Síndrome de Down não é doença” publicada no blog do Dr. Varella, o geneticista Juan Llerena Junior ressalta:

O fato de uma pessoa nascer com um cromossomo 21 a mais não a torna doente. Essa alteração a faz nascer com excesso de material genético em todas as células do corpo, o que significa 329 genes a mais por célula. Esse excesso de material acaba conferindo algumas características peculiares a quem têm a síndrome, como déficit intelectual. Além disso, o bebê é mais ‘molinho’, seus olhos são um pouco mais puxados e eles são mais desajeitados para mamar. Mas dizer que essas características o tornam doente? Claro que não! (CONTE, 2013)

Sabe-se que, quando estimuladas de forma adequada e contínua, as pessoas com a trissomia podem ter uma vida saudável e socialmente ativa. A iniciativa de *sites*

como o da ONG Movimento Down, criado em 2012 pela idealizadora Maria Antônia Goulart, tornou acessível informações sobre a Síndrome, ajudando a ressaltar a valorização da diversidade humana e contribuindo para maiores oportunidades de integração de pessoas com necessidades específicas.

5.2 LEGISLAÇÃO E INCLUSÃO

Os conceitos de deficiência e inclusão devem ser trabalhados com a intenção de solucionar quaisquer dúvidas sobre as reais condições das pessoas que as possuem, além de apontar os deveres da sociedade como um todo e do próprio Estado para com os mesmos. Dessa forma, pode-se considerar o conceito proposto pela Convenção da Organização das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2007), adotado pelo Governo Brasileiro, segundo o Decreto nº 6.949 de 2009 (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência), que determinou o seguinte:

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas. (BRASIL, 2009)

A Convenção teve como principal objetivo assegurar o exercício dos direitos humanos fundamentais e de liberdade de pessoas com algum tipo de deficiência, além de combater preconceitos. Dessa forma, os chamados Estados Parte estariam “reconhecendo a importância da acessibilidade aos meios físico, social, econômico e cultural, à saúde, à educação e à informação e comunicação, para possibilitar às pessoas com deficiência o pleno gozo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais” (BRASIL, 2009). Assim, estariam garantindo a inclusão de todos.

O artigo 8 da Convenção trata da conscientização sobre as deficiências, em que fica definido que o Estado deve adotar medidas para combater estereótipos, conscientizar a sociedade sobre as condições de pessoas com deficiência e “Promover a conscientização sobre as capacidades e contribuições das pessoas com deficiência” (BRASIL, 2009). Para que isso seja realizado, foram acordadas medidas a serem tomadas, dentre elas: “Promover o reconhecimento das habilidades, dos méritos e das capacidades das pessoas com deficiência e de sua contribuição ao local de trabalho e

ao mercado laboral;” e “Incentivar todos os órgãos da mídia a retratar as pessoas com deficiência de maneira compatível com o propósito da presente Convenção” (BRASIL, 2009).

Ainda, para garantir a inclusão dessas pessoas no mercado de trabalho, por exemplo, existem algumas medidas como a Lei de Cotas nº 8.213/1991, que prevê que uma empresa com 100 funcionários deve ter, no mínimo, 2% de portadores de necessidades especiais em sua equipe. A lei pretende colocar em prática a ideia de proporcionar oportunidades de inserção social e afirmação de cidadania, dessa vez, por meio do trabalho.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) foi promulgada em 2009, a partir do Decreto nº 6.949, para garantir condições para que pessoas com qualquer tipo de deficiência possam exercer sua cidadania, liberdades e direitos. Segundo o artigo 3:

Para fins de aplicação desta Lei, consideram-se: I - acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida. (BRASIL, 2015)

Ainda, a inclusão, por sua vez, segundo a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, é “destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (2009). O levantamento de tal discussão está presente na abordagem teórica da Comunicação Pública, fundamentada na perspectiva de interesse público, como será apontado a seguir.

5.3 COMUNICAÇÃO PÚBLICA

Garantir que todos tenham acesso à informação, ao exercício da cidadania, à participação e ao diálogo é importante para a inclusão e empoderamento de pessoas com deficiência. A Constituição Federal Brasileira de 1988 abriu espaço para

participação social, permitindo que a sociedade exija o acesso a determinadas informações (DUARTE, 2011). O professor doutor em comunicação, Jorge Duarte (2011), ressalta que o artigo 37 da CF, estabelece que “a publicidade dos atos, programas, obras, serviços e campanhas dos órgãos públicos deverá ter caráter educativo, informativo ou de orientação social” (BRASIL, 1988).

Dessa forma, para entender os efeitos que podem ser alcançados com a utilização da Comunicação Pública (CP), pode-se considerar o levantamento realizado pela professora Elizabeth Brandão que, ao analisar os impactos da Comunicação no ambiente rural e da saúde pública, aponta:

No setor agrícola, transformou-se, em toda a América Latina, em uma área conhecida por Comunicação Rural que desenvolveu metodologias e estratégias apropriadas para o trabalho junto ao homem do campo e sua família. De maneira semelhante, na área de saúde pública foram construídas estratégias de aproximação e informação, sobretudo para as populações necessitadas. Para ambos os setores, o uso dos meios e de estratégias de comunicação foi determinante e esteve voltado para o aspecto pedagógico de informar para a cidadania, para a melhoria das condições de vida dessas populações (BRANDÃO, 2016, p. 4)

Assim, considerar a Comunicação Pública por um aspecto pedagógico reforça a ideia de que a mesma colabora com a consolidação da democracia e inclusão, e por isso, devemos entender o seu conceito.

a comunicação pública acontece no espaço formado pelos fluxos de informação e de interação entre agentes públicos e atores sociais (governo, Estado e sociedade civil) em temas de interesse público. Ela trata de compartilhamento, negociações, conflitos e acordos que os interesses públicos possam ser atendidos. (DUARTE, apud MAINIERI; ROSA. 2012, p. 202)

A Comunicação resulta da troca de informações. Mas isso não é suficiente. É preciso oferecer oportunidades de participação a todas e todos, já que “informação é apenas a nascente do processo que vai desaguar na comunicação viabilizada, pelo acesso, pela participação, pela cidadania ativa, pelo diálogo” (DUARTE, 2011, p. 129). A Comunicação Pública pode contribuir com essa necessidade, já que “ocupa-se

da viabilização do direito social individual e coletivo à informação, à expressão, ao diálogo e à participação” (DUARTE, 2011, p. 128). Então, é certo que todos os cidadãos devem ter direito a esse fluxo, mesmo que isso signifique adaptações de acordo com suas necessidades, garantindo a pluralidade (DUARTE, 2011).

Ainda, notando a importância que a Comunicação tem no que diz respeito à participação, informação e aos direitos e deveres do cidadão, Margarida Kunsch afirma que é importante avaliar se os agentes têm dedicado à mesma “a importância que ela merece como meio de interlocução com esses atores sociais e em defesa da própria cidadania” (KUNSH, 2013, p. 4).

Segundo Duarte (2011), existem quatro eixos centrais em que a Comunicação Pública trabalha para garantir uma ação efetiva dos grupos que a exercem, sendo: transparência garantindo e “incluindo a oferta de informações, estímulo ao acesso, facilitação da fiscalização e a prestação de contas [...]” (p. 134); interação “em que todos os envolvidos tenham igual direito e oportunidade de falar e ser ouvidos” (p. 134); ouvidoria social “interesse em conhecer e compreender a opinião pública” (p.134); e por último, o acesso, em que

a sociedade deve ter facilidade de obter informações [...]. Implica assim, não apenas o atendimento, mas o *atendimento adequado* às necessidades de cada segmento de público, uma organização pedagógica que inclui desde linguagem adaptada, até uso de artifícios de layout, diversidade de formatos, mídias, fluxos, horários e processos que permitam a interação adequada. (DUARTE, 2011, p. 134).

Duarte (2011) também aponta que a Comunicação Pública pode ser fundamental para “atender as necessidades do cidadão e dos diferentes atores sociais por obter e disseminar informações e opiniões, garantindo a pluralidade no debate público” (p.128) e “estimular uma cidadania consciente, ativa e solidária” (p.128). Interesses esses que podem garantir o levantamento efetivo de assuntos como a inclusão de grupos marginalizados nos debates e discursos sobre causas sociais.

É importante entender a Comunicação Pública “como um processo comunicativo das instâncias da sociedade que trabalham com a informação voltada para a cidadania” (BRANDÃO, 2016, p. 6) sendo papel de toda sociedade garantir que a Comunicação seja realizada visando as “responsabilidades públicas”.

Assim, é notória a responsabilidade da sociedade e a necessidade de garantir que pessoas com deficiência também sejam incluídas e participem das discussões em pauta. Para que todos exerçam o direito à Comunicação, muitas vezes são necessárias iniciativas como traduções de textos para o braille, adaptação de áudios para a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), adaptações de materiais para pessoas com deficiência intelectual e representatividade das mesmas em meios de comunicação. Jorge Duarte (2011) afirma que os instrumentos adotados pelos agentes de comunicação devem ser selecionados de acordo com o público de interesse. Tais medidas podem exigir adaptações e contribuindo para que pessoas com deficiência desfrutem do papel de cidadãos e garantindo seu empoderamento.

5.4 EMPODERAMENTO

Pode-se afirmar que a partir do empoderamento é possível fazer com que as pessoas usufruam de seus direitos e sejam incluídas sociedade. As perspectivas propostas sobre o tema pela autora e arquiteta urbanista, Joice Berth, na obra *O que é Empoderamento?*, por mais que estejam focadas em gênero e raça, permitem um olhar sobre os grupos marginalizados em geral. Segundo Zimmerman e Perkins (1922), citados por Berth (2018), o empoderamento é elemento fundamental para mudanças sociais e que, embora as definições de empoderamento sejam inúmeras,

As várias definições geralmente são compatíveis com o empoderamento como “um centralizador de processos contínuos intencionais na comunidade local, envolvendo respeito mútuo, reflexões críticas cuidados e participação grupal, por meio das quais pessoas que enfraquecidas possam se valer da distribuição igualitária de recursos necessários, tendo facilitado o acesso e controle sobre esses recursos (Cornell Empowerment Group, 1989)”. (ZIMMERMAN; PERKINS, 1992 apud BERTH, 2018, pg. 21-22).

É relevante, ao pensar sobre a inclusão de grupos marginalizados, a ideia trabalhada por Berth de empoderamento individual no sentido de que está equivocado “julgar que se empoderar é transcender individualmente certas barreiras, mas seguir reproduzindo lógicas de opressões com outros grupos, em vez de se pensar empoderamento como pensar conjuntos de estratégias necessariamente antirracista,

antissexistas e anticapitalistas” (BERTH, 2018, p. 40). Segundo a autora, é necessário romper com essa perspectiva individualista e dar voz ao empoderamento coletivo, quebrando estruturas opressoras e instigando discussões sobre assuntos como desigualdade social (BERTH, 2018).

Assim, a Comunicação Pública é aliada quando se trata de lutar pelo empoderamento e inclusão de pessoas que fazem parte de grupos deixados à margem, como é o caso de pessoas com Síndrome de Down. Cabe aos agentes de Comunicação utilizar meios que possam garantir o exercício da cidadania por todos os membros da sociedade.

6. METODOLOGIA

O fundamento do projeto se deu a partir de pesquisas qualitativas de conceitos, leis e estatutos relacionados às pessoas com deficiência, especialmente com Síndrome de Down, e ao empoderamento e inclusão. Além disso, a reafirmação dos direitos e deveres dessas pessoas, as medidas tomadas para efetivar e/ou alcançar a inclusão social e a representação dos portadores da trissomia do cromossomo 21 também foram importantes para a construção do conceito do projeto.

Para a organização e concretização do livro, a metodologia foi dividida em três etapas. A primeira diz respeito à Pré-Produção, onde são especificadas todas as etapas de levantamento de dados e pesquisas necessárias. Em seguida, a Produção, onde é explicado como foram realizadas as entrevistas, a construção das crônicas, realização das fotografias e ilustrações. Por último, a Pós-Produção do trabalho, que descreve os processos de edição do conteúdo e do projeto gráfico.

6.1 PRÉ-PRODUÇÃO

O primeiro passo para a construção do livro Super Extra Poderosos foi identificar como a Constituição Federal Brasileira, a Organização das Nações Unidas e Organizações Não Governamentais, especificamente a organização Movimento Down, se posicionam a respeito do assunto. Ainda, foram buscados os posicionamentos do doutor cancerologista e apresentador do quadro “Qual é a Diferença”, junto à Breno Viola, Drauzio Varella que trabalha constantemente a respeito do assunto.

Após todo o levantamento sobre os direitos e deveres das pessoas com deficiência e os conceitos acerca da Síndrome de Down, empoderamento e inclusão, foi necessário determinar os assuntos que seriam abordados no decorrer das entrevistas realizadas posteriormente. Assim, ficou definido que o método utilizado para a coleta das informações seria entrevista em profundidade, sendo esta dividida em dois momentos.

O primeiro, destinado aos responsáveis, abordaria o diagnóstico da Síndrome de Down e o impacto que teve na família e nos amigos próximos. Em um segundo momento - preparado para ser realizado com os próprios protagonistas com Síndrome de Down - seriam abordadas as temáticas sobre família, amigos, relacionamentos em

geral, a vivência da Síndrome de Down em si, escola, bullying, inspirações, trabalho e/ou ocupações. Mesmo com os tópicos definidos, foi necessário respeitar o fluxo que cada conversa direcionava, de forma que os pontos principais, da perspectiva do entrevistado e do responsável, sempre fossem apontados para que, durante a criação das crônicas, os mesmos se sentissem representados.

É importante dizer que, para a coleta das informações, foi considerado o conceito de entrevista em profundidade, ou História de Vida (HV) completa, termo utilizado por Valdete Boni e Silva Quaresma (2005), considerando que é

na qual o pesquisador constantemente interage com o informante. Sua principal função é retratar as experiências vivenciadas por pessoas, grupos ou organizações. Existem dois tipos de HV: a completa, que retrata todo o conjunto da experiência vivida e a tópica, que focaliza uma etapa ou um determinado setor da experiência em questão (MINAYO, 1993 apud BONI; QUARESMA, 2005, p. 73).

A definição de crônica, como o meio utilizado para contar as histórias deu-se a partir de seu entendimento no Brasil que, segundo José Marques de Melo (2003), o formato textual tomou a feição de “relato poético do real, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária” (p. 149). Ainda, Melo ressalta que a crônica moderna permeia em torno dos acontecimentos da atualidade e o dinamismo que fomentam a produção jornalística.

Definido o roteiro e a técnica, foi necessário iniciar a identificação das pessoas que teriam suas histórias contadas através do livro. Para isso, foram contatadas duas instituições que discutem a inclusão de pessoas com deficiência na sociedade.

A primeira foi a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais do Distrito Federal (APAE-DF), que ofereceu uma lista com 16 membros da equipe da oficina de higienização realizada na instituição e a partir disso, foram selecionados, de acordo com a disponibilidade para a realização das entrevistas, uma mulher, Clécia Macedo (receptionista), e um homem, Wagner Albuquerque (higienizador). Por coincidência, um dos nomes da lista, Ramon Timo (higienizador), já havia sido convidado para participar do projeto, por ser a primeira pessoa com Síndrome de Down que a autora do livro teve contato quando criança.

Para garantir diversidade com relação às ocupações e não tornar o livro

exclusivamente de higienizadores, o Instituto Ápice Down foi contatado e indicou mais sete nomes, entre os quais foram efetivamente selecionados: Tônico Araújo (artista), Jéssica Marques (fotógrafa e palestrante), e Vitor Peixoto (artista). Não foi possível realizar as entrevistas com os demais devido à disponibilidade para a entrevista. Durante o encontro com a fotógrafa Jéssica, o nome de Maria Clara Israel (atriz) foi citado para fazer parte do Super Extra Poderosos. Maria, que, por sua vez, indicou Liane Collares (palestrante).

Karen Allana (dançarina) foi selecionada por fazer parte de um grupo de dança do ventre para pessoas com Síndrome de Down, no Instituto Anandah, em Águas Claras. Por outro lado, Augusto dos Mares (artista e atleta) chamou a atenção da autora por ter participado da série “Uma página por dia”, resultado do Projeto de Conclusão de Curso de Audiovisual, da Faculdade de Comunicação, da Universidade de Brasília, dirigido por Victoria Cristina Costa e Camila Castro.

O processo de seleção das pessoas com Síndrome de Down que fariam parte do projeto não foi baseado em nenhum critério pré-estabelecido, sendo necessário apenas que o número de entrevistadas mulheres fosse o mesmo número de entrevistados homens.

6.2 PRODUÇÃO

Os responsáveis foram contatados pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp* para marcar o melhor horário e local para a realização das conversas. Assim, as entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade de cada pessoa. Nove de dez conversas contaram com a presença da mãe, pai ou responsável.

Ao chegar no local da entrevista, o primeiro momento foi utilizado para explicar do que se tratava o projeto, mostrar o livro original e que gerou a ideia da releitura dos livros Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes 1 e 2. Em seguida, foi entregue um termo de autorização de uso de imagem (em anexo) para garantir a integridade da(o) entrevistada(o) e da entrevistadora. Todas as conversas foram gravadas e o tempo utilizado variou de acordo com cada pessoa e com o conteúdo que estava sendo ofertado pela troca de informações. Ao total, foram geradas cerca de 12 horas de áudio, que por se tratarem de histórias íntimas, decidiu-se não inserir a transcrição no presente documento. A seguir, segue um breve resumo de cada entrevista realizada.

A primeira entrevistada foi Karen Allana, que de início aparentava nervosa e ansiosa com a entrevista. Mesmo assim, a jovem se mostrou aberta para conversar sobre os assuntos propostos. Karen reafirmou várias vezes que o que realmente gosta de fazer é dançar *fitdance*. A jovem é auxiliar de embalagens na empresa Viva Paletaria Mexicana e dançarina. Ainda, mostrou-se um pouco tímida ao responder sobre bullying e preconceitos quanto à síndrome, mas concordou que as pessoas com Síndrome de Down são especiais e capazes de serem o que quiserem.

Em seguida, foi a vez de Vitor Peixoto, que se mostrou entusiasmado para fazer parte do projeto. Foram coletadas informações sobre seu dia-a-dia, a escola, a relação com os colegas e outros assuntos. Ainda, com a ajuda da mãe, Vitor explicou sobre os projetos em que participa. O jovem de 16 anos é ator, pintor, modelo e contador de histórias de um livro que ainda está em produção. Além disso, falou sobre um episódio em que uma colega se mostrou incomodada com a síndrome, e disse que não fez nada e ficou “em seu mundo”.

Jéssica é uma jovem de 26 anos e militante da causa de pessoas com deficiência que se mostrou empolgada para fazer parte do projeto. É formada em fotografia pelo Instituto de Educação Superior de Brasília (IESB) e palestrante. Trabalha na Secretaria Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência do CONADE. Como fotógrafa, já realizou 4 exposições que ocorreram em diferentes lugares do mundo. Teve muitos desafios a serem enfrentados na escola e na faculdade.

Margarida, mãe do Tônico, fez um panorama das realizações do filho. O homem, que tem 36 anos e nasceu em Manaus, é artista plástico. Possui muitas obras pintadas que foram vendidas para inúmeras pessoas, entre elas o então ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Enrique Ricardo Lewandowski e o senador Romário. Ainda, o artista participa de grupos de artes e é escoteiro. Já ganhou prêmios de natação e equitação, na qual é campeão nacional de Equoterapia.

Durante entrevista com o Augusto, a mãe Tatiana o irmão mais novo, Guilherme (que também possui uma síndrome) falaram sobre o dia-a-dia do jovem. Com 18 anos, Augusto se mostrou muito animado com fundo do mar, que serve de inspiração para suas obras de arte. Já são cerca de 200 quadros pintados e Augusto já participou de 3 exposições de arte. Além disso, é faixa marrom no judô, faz natação e mergulho.

Marilei, mãe de Liane Collares, explicou como as coisas eram diferentes há 50

anos, mas afirmou que nunca desistiu de correr atrás e estimular o crescimento da filha. Liane falou sobre seus feitos e desafios. Escritora do livro “Mulher como Todas” e palestrante, falou sobre a vontade que tem de trabalhar e sobre situações de *bullying* que já enfrentou no decorrer da vida.

Durante entrevista, Maria Clara e o pai contaram sobre como era o tempo da escola, sobre os desafios e conquistas que tiveram. Ainda, falaram sobre como algumas pessoas não entendiam o atendimento adaptado que a jovem recebia durante a escola. Funcionária na Câmara dos Deputados e atriz, Clarinha sonha em se tornar famosa.

Clécia mostrou-se interessada em fazer parte do projeto, descreveu seus dias, suas experiências em trabalhos, estudos, sua relação com família e amigos. Clécia, que trabalha no Superior Tribunal de Justiça desde 2012, contou sobre como sempre foi estimulada a ser independente e sobre sua vontade de se tornar massagista profissional.

Wagner contou sobre os seus interesses, sonhos e o que gosta de fazer. O jovem trabalha no Supremo Tribunal Federal (STF), na área de higienização de livros, mas afirmou que quer trabalhar em um gabinete. Para isso, ele estuda para aprender a ler e escrever. Ainda, gosta de escutar samba e pagode e sempre vai ao Clube do Choro para dançar.

Ramon falou sobre seus interesses e afirmou que gosta de fazer pinturas e que ama as princesas da Disney. Também, contou sobre seu trabalho e amigos e disse que está juntando seu salário para fazer uma festa de 40 anos (ele já realizou a sua de 30 anos). Ainda, falou sobre o tempo da escola, no qual sofreu *bullying*.

A história de número onze, e que abre o livro, é a respeito do irmão mais novo da autora, Rafael Zucoli, e uma das motivações pessoais para a realização do projeto.

Após as entrevistas, foram produzidas fotografias dos entrevistados para que pudessem ilustrar o livro junto às crônicas posteriormente escritas.

6.3 PÓS-PRODUÇÃO

Após toda a coleta de informações por meio das entrevistas em profundidade, deu-se início à produção efetiva das crônicas a serem inseridas no livro Super Extra Poderosos. Todas as entrevistas, que foram gravadas em áudio, foram transcritas antes de dar início à criação dos textos.

A linguagem utilizada foi pensada para que a leitura fosse acessível a todos, independentemente de deficiência intelectual e/ou idade. Ainda, foi necessário estabelecer limite mínimo e máximo de caracteres para que o conteúdo e o tamanho das histórias ficassem visualmente harmoniosos, dentro da proposta estabelecida (cada crônica possui entre 1.100 e 1.235 caracteres).

É importante ressaltar que o conteúdo e a diagramação de cada página foram pensados tendo como base a estrutura estabelecida nos livros que serviram de inspiração, Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes 1 e 2, sendo o nome do personagem colocado no lugar título e sua ocupação, profissão ou *hobbie*, como subtítulo. Em seguida, são apresentadas as crônicas com as vivências e desafios de cada um, seguidas da data e do local de nascimento.

O nome escolhido, Super Extra Poderosos, propõe um trocadilho com a expressão “cromossomo extra”, que é o que causa a trissomia, trazendo às pessoas com Síndrome de Down suas características, personalidades, histórias e comportamentos super extra poderoso.

Para a paleta de cores, utilizou-se o verde turquesa e o roxo, inspirados na iniciativa “Tô brincando” do site da ONG Movimento Down. Trata-se de um compilado de brincadeiras e jogos educativos para auxiliar o desenvolvimento de pessoas com Síndrome de Down. O amarelo surgiu para dar mais vida e dinâmica para o material, considerando que a cor é quente e entra em contraste com as duas anteriores.

A tipografia do material foi escolhida para facilitar a leitura das pessoas que possuem a Síndrome. Durante as entrevistas, observou-se que alguns dos entrevistados possuem dificuldade nas leituras com tipos cursivos ou em caixa baixa. Por essa razão, optou-se pela utilização de letras em caixa alta durante toda a diagramação do produto. Considerando, assim, que o peso da tipografia seria maior, foi necessário diminuir o tamanho da fonte e aumentar o espaçamento entre as linhas e as letras, para tornar a leitura mais confortável.

A tipografia utilizada nos títulos dos textos e na capa (nome dos personagens) que compõem o conteúdo do livro foi *Moon Flower Bold*, criada por Denise Bentulan. A construção das letras, que não possuem serifa, lembra a escrita à mão quando feita em caixa alta. Já que, originalmente, as palavras aparentavam um condensamento maior (letras ficavam muito próximas), aumentou-se o *tracking* da tipografia, dando a

sensação de alargamento nos blocos de texto.

Para o corpo do texto, foi utilizada a tipografia *Comfortaa*, criada por Johan Aakerlund, que traz um ar mais sóbrio e geométrico para as caixas de texto. Igualmente sem serifa, os textos das crônicas também tiveram o *tracking* aumentado com o mesmo objetivo de trazer conforto para a leitura. Enquanto isso, para a produção da capa, a fonte utilizada para o nome Super Extra Poderosos foi criada pelo ilustrador do livro, Luis Zucoli, que pensou no design contendo letras maiúsculas e brincando com a letra “X”, que faz referência ao cromossomo.

Para compor o livro foram realizadas ilustrações, feitas pelo publicitário e artista Luis Zucoli, tendo como referência as fotos retiradas nos dias das entrevistas – em anexo - com os protagonistas de cada crônica. Os fundos das imagens foram inspirados em cobogós para trazer um aspecto familiar de Brasília, cidade em que os participantes nasceram ou na qual cresceram e tiveram importantes experiências, que é o caso de Liane Collares e Tônico Araújo.

Por fim, o glossário do livro foi pensado para esclarecer termos específicos que foram explorados no decorrer dos textos, trazendo referências visuais para ajudar na assimilação dos significados.

Após a finalização gráfica e impressão do material, cada um dos entrevistador recebeu um exemplar do livro, para que a ideia de continuidade do trabalho e identificação com as histórias realmente fosse experimentada.

7. VIABILIDADE DO PROJETO

No que diz respeito a viabilidade financeira do livro Super Extra Poderosos, pode-se destacar que não houve nenhuma ajuda de custo ou bolsa da Universidade de Brasília (UnB). Ainda, por conta do tempo disponível para a realização do projeto, não foi possível buscar nenhum tipo de patrocínio, dessa forma, toda verba utilizada veio de recursos pessoais. Segue abaixo o levantamento aproximado de gastos com o transporte utilizado para a realização das entrevistas e o orçamento da impressão do material gráfico.

TABELA I – Custos do projeto

Despesas	Quantidade	Valor total
Transporte	40 quilômetros aproximadamente	R\$ 176,00
Impressão Gráfica do produto com capa dura, 48 páginas coloridas	16 exemplares	Gráfica Athalaia R\$ 1.068,00 + boneca adicional R\$ 60,00

8. CONCLUSÕES

Durante a construção do livro *Super Extra Poderosos*, buscou-se instigar discussões sobre inclusão social e empoderamento de pessoas com Síndrome de Down. Dar visibilidade e voz a essas pessoas, a partir da Comunicação Pública, fez parte do direcionamento de todos os processos realizados no decorrer do trabalho. Destacou-se a importância de considerar adaptações necessárias para que as pessoas com deficiência possam fazer parte dos debates e garantir o exercício da cidadania.

Inclusão social é um conceito chave para entender a finalidade do projeto e sua importância, assim como estar presente e sentir-se representado nos meios de comunicação faz parte dos direitos de todas as pessoas. A legislação brasileira determina formas de assegurar o exercício dos direitos humanos fundamentais e de liberdade de pessoas com algum tipo de deficiência e, com a ajuda da Comunicação Pública, permite reflexões sobre modos de garantir sua presença em todos os ambientes sociais.

A Comunicação Pública surge como uma maneira de abordar temas que são de interesse público. Compreendê-la como processo que trabalha informação em prol dos cidadãos é entender que a mesma é responsabilidade de cada membro da sociedade, e não apenas do Estado. Permitir e criar meios de inclusão faz parte, então, do exercício da cidadania, assim como sentir-se parte desse todo.

Durante a construção do projeto, foi necessária maior dedicação e cuidado com relação à marcação e realização das entrevistas, visto que muitas vezes não era possível realizá-las imediatamente, ainda que o tempo determinado pelo prazo final de entrega do projeto fosse curto. A transcrição das 12 horas de áudio consumiu grande parcela de tempo ao comparar com outras etapas, mas, assim que realizadas, observou-se maior facilidade na construção das crônicas, já que era possível voltar em pontos essenciais sem ter a necessidade de escutar as gravações novamente.

Para contemplar ainda mais a diversidade e tornar a leitura acessível a todos, pensou-se em adequar partes do livro à escrita em braile e/ou oferecer descrição visual das imagens. Entretanto, devido ao tempo disponível, não foi possível a consolidação.

A escolha de um livro como formato para a realização do trabalho deu-se considerando que o material pode fazer parte do processo de alfabetização das pessoas com Síndrome de Down, por isso, a construção gráfica e o conteúdo foram criados

pensando na adaptação. Expor histórias de pessoas reais permite que outros com a trissomia se identifiquem e se sintam contemplados pelo material.

Ainda, pode-se dizer que a construção da obra foi de grande identificação pessoal da autora. Durante a realização das entrevistas, pude enxergar nas histórias, momentos parecidos que ocorreram após o nascimento do meu irmão mais novo, Rafael Zucoli que possui a Síndrome. Luta pelos direitos dessas pessoas, pela inclusão social, pela educação adaptada também fizeram parte de experiências pessoais. Acredito que esse reconhecimento contribuiu para o andamento das conversas e para o valor sentimental que o livro possui.

Além disso, do ponto de vista acadêmico, pode-se dizer que trazer a Comunicação Pública, como objeto principal na discussão de inclusão, permite entender a necessidade de encontrar maneiras de acolher todas e todos, de forma justa e, novamente, quando necessário, adaptada. O levantamento das questões legais traz a atenção para essa responsabilidade que é de todos os agentes de comunicação, seja o Estado, ONGs, empresas privadas ou os próprios membros da sociedade.

A construção e a consolidação do projeto tornam possível a sua reprodução e utilização em instituições e organizações que assumem a responsabilidade social de discutir e lutar pela representatividade de pessoas com Síndrome de Down e sua inclusão. Dessa forma, o livro *Super Extra Poderosos* poderá, futuramente, ser encaminhado para as organizações *Ápice Down* e *APAE-DF*, que contribuíram para a realização da obra, além de possuírem projetos destinados às pessoas com a trissomia. O livro também pode ser enviado para a plataforma *Movimento Down*, que agrupa recomendações de leituras sobre a Síndrome de Down.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AAKERLUND, Johan. Fonte: Comfortaa. Disponível em: <<https://fonts.google.com/specimen/Comfortaa>> acesso em: 25 de outubro de 2018.

ABDO, Sara. Representatividade de LGBTs e deficientes não chega a 0,5% dos comerciais no Brasil. **O Estado de São Paulo (Estadão)**. 2018. Disponível em: https://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento_representatividade-de-lgbts-e-deficientes-nao-chega-a-0-5-dos-comerciais-no-brasil,70002148778 , acesso em: 29 de outubro de 2018.

ADOBE. Sobre kerning e tracking. 2018. Disponível em: <https://helpx.adobe.com/br/indesign/using/kerning-tracking.html>, acesso em: 29 de outubro de 2018.

AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. **GRIDS**. Bookman: Porto Alegre, 2ª edição. 2009.

AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. **LAYOUT**. Bookman: Porto Alegre. 2012.

BENTULAN, Denise. Fonte: Moon Flower. Disponível em: <<https://www.dafont.com/pt/moon-flower.font>> Acesso em 25 de outubro de 2018.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Editora Letramento: Belo Horizonte, Minas Gerais. 2018

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v.2, n.1, pp. 68 – 80, janeiro/julho, 2005.

BRANDÃO, Elizabeth Pazito. Conceito Comunicação Pública. 2016. Disponível em: <http://fasam.edu.br/wp-content/uploads/2016/07/Historia-da-Comunica%C3%A7%C3%A3o-P%C3%BAblica.pdf> , acesso em: 29 de outubro de 2018.

BRASIL. Decreto nº 6949, de 25 de agosto de 2009. **Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência**. Brasília, DF, agosto 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm Acesso em maio de 2018.

BRASIL. Lei nº 13146, de 6 de julho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Brasília, DF, julho de 2015. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm Acesso em 11 de junho, 2018.

CAVALLO, Francesca; FAVILLI, Elena. **Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes 1**. Vergara & Riba Editoras S.A: São Paulo. 2017.

CAVALLO, Francesca; FAVILLI, Elena. **Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes 2**. Vergara & Riba Editoras S.A: São Paulo. 1ª edição. 2018.

CEZZAR, Juliette; APFELBAUM, Sue. **Designing the Editorial Experience**. Rockport Publishers: Estados Unidos. 2014.

COLLARO, Antonio Celso. **Produção Gráfica: arte e técnica da mídia impressa**. Pearson Education: São Paulo, 2ª edição. 2008.

CONTE, Juliana. Síndrome de Down não é doença. **Dráuzio Varella**. 2013. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/geral/sindrome-de-down-nao-e-doenca/> , acesso em: 23 de outubro de 2018.

DUARTE, Jorge. Sobre a emergência do(s) conceito(s) de comunicação pública. Em: KUNSCH, Margarida M. Krohling (org.). **Comunicação pública, sociedade e cidadania**. São Caetano do Sul, SP: Difusão, pp.121-134. 2011.

DUARTE, Jorge. Comunicação Pública. s.d. Disponível em: <http://jfori.jor.br/fori/files/Comp%C3%BABlicaJDuartevf.pdf> , acesso em: 15 de outubro de 2018.

FRANK, Stéphanie Paese; MELO, Camila Menezes; PAIVA, Camila Foss. Síndrome de down: Etiologia, características e impactos na família. 2018. Disponível em: <https://facsapaulo.edu.br/wp-content/uploads/sites/16/2018/05/ed2/11.pdf> , acesso em: 29 de outubro de 2018.

INFOPÉDIA. Significado de “braile”. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/braille>, acesso em: 1 de novembro de 2018.

KOZMA, Chahira. O que é Síndrome de Down?. Em: GUNDERSEN, Karen Stray. **Crianças Com Síndrome de Down**. Editora Penso: Rio de Janeiro, 1ª edição. 2007. Disponível em: http://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_01_64.pdf , acesso em maio, 2018.

KUNSCH, Margarida. Comunicação pública: direitos de cidadania, fundamentos e práticas. Em: MATOS, Heloiza (org.). **Comunicação pública: interlocuções, interlocutores e perspectivas**. ECA/USP: São Paulo. 2013.

MAGALHÃES, Ana Beatriz. Dia Internacional da Síndrome de Down. **Ministério da Saúde**. 2015. Disponível em: <http://www.blog.saude.gov.br/index.php/35318-dia-internacional-da-sindrome-de-down> Acesso em: maio de 2018.

MAINIERI, Tiago; ROSA, Elisa Costa Ferreira. Comunicação pública, cidadania e democracia: algumas reflexões. **Revista Comunicação Midiática**, v.7, n.1, pp.192-206, janeiro/abril de 2012.

MARQUES, Alexandre; NAHAS, Markus. Qualidade de vida de pessoas portadoras

da Síndrome de Down, com mais de 40 anos, no estado de Santa Catarina. **Portal Revistas UCB**, v.11, n.2, junho de 2003. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/497/522> , acesso em 8 de novembro de 2018.

MATA, Cecília Silva da; PIGNATA, Maria Izabel Barnez. **Síndrome de Down: Aspectos históricos, biológicos e sociais**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ensino Médio) - Universidade Federal de Goiás. 2014. Disponível em: https://www.cepae.ufg.br/up/80/o/TCEM2014-Biologia-Cecilia_SilvaMAta.pdf Acesso em abril de 2018.

MELO, José Marques. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Editora Mantiqueira. Ed. 3, pp. 148 – 162. 2003.

MCCOMBS, Maxwell. Um Panorama da Teoria do Agendamento, 35 anos depois de sua formulação. Entrevista concedida a José Afonso da Silva Junior, Pedro Paulo Procópio, Mônica dos Santos Melo. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v.31, n.2, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/176/169> , acesso em: 29 de outubro de 2018. |

MOREIRA, Lilia M. A.; EL-HANI, Charbel N.; GUSMÃO, Fábio A. F. A Síndrome de Down e sua patogênese: considerações sobre o determinismo genético. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, vol.22, n.2., junho de 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-4446200000200011 Acesso em abril de 2018.

MOVIMENTO DOWN. Tô brincando. Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/to-brincando/>>, Acesso em 25 de outubro de 2018.

MOVIMENTO DOWN. Características. Disponível em: <http://www.movimentodown.org.br/sindrome-de-down/caracteristicas/> Acesso em 26 de mar, 2018.

NETO, N. L. Primeira pessoa com Síndrome de Down faixa preta no judô, Breno Viola usa sua história como exemplo em projeto social. **Extra**. Disponível em: <https://extra.globo.com/esporte/primeira-pessoa-com-sindrome-de-down-faixa-preta-no-judo-breno-viola-usa-sua-historia-como-exemplo-em-projeto-social-18362663.html> , acesso em: 20 de outubro de 2018. |

OLIVEIRA, Nielmar de. Expectativa de vida do brasileiro é de 75,8 anos, diz IBGE. **Agência Brasil**. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2017-12/expectativa-de-vida-do-brasileiro-e-de-758-anos-diz-ibge> , acesso em: 20 de outubro de 2018. |

PEREIRA, Jamille Barbosa Cavalcante; HANASHIRO, Darcy Mitiko Mori. **A Gestão da Diversidade: uma Questão de Valorização ou de Dissolução das**

Diferenças? XXXI Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD). 2007. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EOR-B3178.pdf> , acesso em: 30 de outubro de 2018. |

REDAÇÃO MINUTO SAUDÁVEL. **O que é Síndrome de Down, características, causas e sintomas**, 2017. Disponível em: <https://minutosaudavel.com.br/o-que-e-sindrome-de-down-caracteristicas-causas-e-sintomas/> Acesso em 26 de mar, 2018

ROBERTS, Lucienne. **Grids: Soluções Criativas para Designers Gráficos**. Bookman: Porto Alegre. 2009.

SAMARA, Timothy. **Guia de Design editorial**. Bookman: Porto Alegre. 2011.

SILVA, Naiara Liana Pereira; DESSEN, Maria Auxiliadora. Síndrome de Down: etiologia, caracterização e impacto na família. **Revista Interação em Psicologia**, 2002, v. 6, n. 2, pp. 167-176. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3304/2648> Acesso em abril de 2018.

10. REFERÊNCIAS VISUAIS

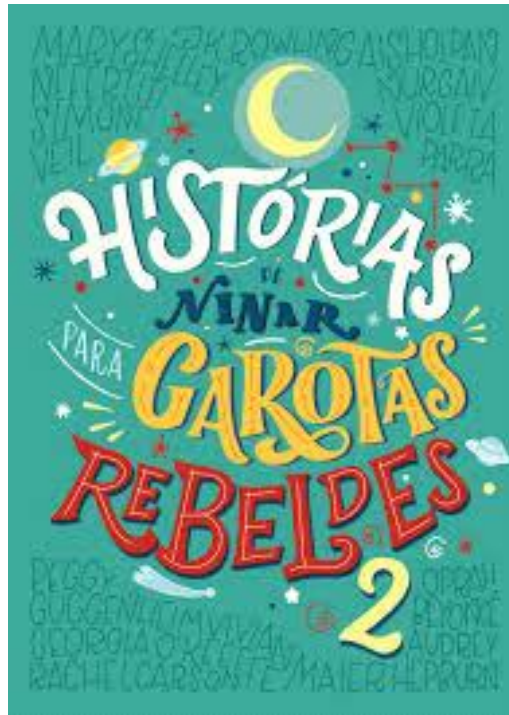
ADITYA UTAMA PUTRA. **Glossary Card**. Disponível em: <https://www.behance.net/gallery/13641709/Glossary-Card> Acesso em outubro 2018



CAVALLO, Francesca; FAVILLI, Elena. **Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes 1**. Vergara & Riba Editoras S.A: São Paulo. 2017.



CAVALLO, Francesca; FAVILLI, Elena. **Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes 2**. Vergara & Riba Editoras S.A: São Paulo. 1ª edição. 2018.



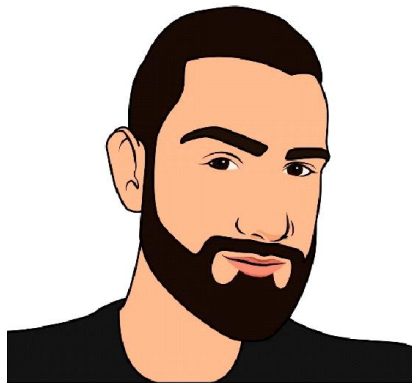
MOVIMENTO DOWN. To Brincando. Disponível em:
<http://www.movimentodown.org.br/> Acesso em outubro 2018.



ZAKHAROVA, Olga. **Being a Woman is a superpower.** Disponível em:
<https://www.behance.net/gallery/63524341/Being-a-Woman-is-a-super-power> Acesso em outubro de 2018.



ZUCOLI, Luis. Autoretrato.



11. ANEXOS

11.1 TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento particular, _____ (nome),
_____ (nacionalidade), _____ (estado civil),
_____ (profissão), _____ (CPF), _____
(Identidade) residente e domiciliado na
_____, (doravante
denominado AUTORIZANTE) procede à presente Autorização para Utilização de
Imagem para o Trabalho de Conclusão de Curso de Juliana Roccha Zucoli, brasileira,
solteira, residente e domiciliada em SGAN 914 condomínio South Beach bloco F apto
119, portadora da identidade nº 2717431, inscrita no CPF sob o nº 007.427.411-25 (AUTORIZADA).

O AUTORIZANTE concede autorização à AUTORIZADA, a título gratuito, em todo o território nacional e exterior, para divulgação, exposição e reprodução, com finalidade acadêmica, em especial para elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso da Autorizada, junto à Faculdade de Comunicação – Curso de Comunicação Organizacional- Universidade de Brasília (TCC).

O uso da imagem do AUTORIZANTE poderá ser feito, por qualquer meio que permita sua divulgação, inclusive com a sua inclusão em obras audiovisuais, com a sua difusão e disponibilização por qualquer suporte material, incluindo (i) ilustração de fotos; (ii) cartazes; (iii) divulgação em geral. Em caso de inclusão em obras audiovisuais, os meios de divulgação ora autorizados incluem mas não se limitam à "Pay TV" (TV por assinatura), TV a cabo, ondas Hertzianas ou satélite, "Pay Per View", home vídeo, vídeo laser disc, DVD, Blue Ray, CD Rom, Internet e demais processos multimídia para exibição pública ou privada, inclusive em aeronaves, navios, embarcações, plataformas de petróleo, trens, metrô, ônibus, ou qualquer meio de locomoção.

A presente Autorização não comporta qualquer restrição quanto ao número de reproduções, meios de fixação, prazo e território e formas de utilização, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos ou a qualquer outro.

Em todos os casos, a imagem do AUTORIZANTE será acompanhada de crédito de forma legível. As Partes entendem, também, que a AUTORIZADA irá se utilizar da imagem do AUTORIZANTE com o objetivo de conclusão de seu TCC, com liberdade de abordagem acadêmica que julgar a mais apropriada. A AUTORIZADA poderá participar de eventos ilustrativos e informativos do objeto do TCC, sempre dando os devidos créditos ao AUTORIZANTE, sem necessidade de qualquer aviso prévio.

A presente Autorização de Uso não importa na criação de qualquer vínculo trabalhista, societário, de parceria ou associativo entre as Partes.

Brasília, (data)

Nome e assinatura da Autorizante

11.2 REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Todas as fotos foram retiradas por Juliana Zucoli, com exceção da foto do personagem Rafael Zucoli, que foi realizada por Suellen Camila Rocha.

Rafael Zucoli



Karen Allana



Vitor Peixoto



Clécia Macedo



Tonico Araújo



Maria Clara Israel



Wagner Albuquerque



Liane Collares



Augusto dos Mares



Jéssica Mendes



Ramon Timo

